

TAMBAQUI E PIRAPETINGA

Estes peixes amazônicos são dotados de grande força, dentição poderosa e um fôlego de dar inveja, incansáveis em suas longas corridas na correnteza – aproveitando o formato de disco de seu corpo. Por terem carne muito apreciada, foram introduzidos em muitos rios fora de seu habitat natural, causando sérios desequilíbrios.



No programa televisivo “Monstros do Rio”, é relatado que na Nova Guiné, na Oceania, peixes destas espécies ou assemelhados, fugiram de criatórios, e na ausência de seus alimentos naturais, chegavam mesmo a abocanhar as partes íntimas de homens que se banhavam nos rios locais, causando graves mutilações, pois seus dentes são molariformes, e sua musculatura bucal é própria para exercer o efeito de torquês, em sementes, pequenos cocos de palmeiras - como o carandá - e outros frutos duros e fibrosos.



Tem ótima audição e um excelente olfato, o que o torna um peixe perfeito para pescarias em cevas e durante a estação de cheias, especialmente se houver safra de frutas (cajus, por exemplo) e frutinhas e coquinhos nativos (como o licuri, o carandá, o bacuri, entre outros).

Suas corridas muitas vezes esvaziam mais de trinta metros de linha da carretilha ou molinete, e, se forem em direção aos enroscos e tranqueiras dificilmente poderão ser contidos. Se por outro lado forem para o meio do rio, a briga “no limpo” será tremenda, até que o peixe boiar cansado ao lado do barco.

Como tem boca muito dura em com dentes que não permitem ao anzol muitas superfícies para se fixar, qualquer bambeada de linha significará a fuga do exemplar.



Podem ser pescadas com anzóis tipo J – e neste caso devem ser fígados com força, e com ao menos duas confirmadas durante as primeiras corridas. O silêncio é

fundamental para este tipo de pescaria, e além de evitar bater no barco, até mesmo as conversas devem ser mantidas em baixo tom de voz durante a ceva e espera do momento da físgada. Ambos tem formato comprimido e em forma de disco, o que lhes possibilita fornecer grande resistência durante a briga, pois se aproveitam da força da água e pesam ainda mais na linha do pescador. As pirapetingas tem coloração que varia do amarelo brilhante ao negro ou marrom escuro, com a cauda um pouco mais escura e a nadadeira ventral escurecida, enquanto que os tambaquis variam do dourado amarelado, passando pelo dourado cobreado/avermelhado, até o verde, sempre com a a parte posterior do peixe (aproximadamente pouco menos da metade de baixo do peixe quando na vertical) apresentando escamas negras e rabo preto.



ISCA – Os hábitos de ambas as espécies assim como os pacus – seus primos menores – são onívoros, mas os tambaquis e pirapetingas são mais vegetarianos raramente físgando em filés de peixe, por exemplo. Preferem folhas, flores, frutos

e principalmente sementes (de palmeiras nativas e da castanha do Brasil - ou castanha do pará) e em cevas com trato de farelo de trigo e palha de arroz fismam muito bem na mistura de ambos feita com liga de farinha de trigo, sovando a massa). No rio Teles Pires, quando é tempo de frutifica o dos cajus nativos e outras árvores frutíferas   beira rio, concentram-se embaixo, tanto pelas frutas que caem espontaneamente quanto por aquelas derrubadas por pássaros e macacos atraídos pela refei o abundante. Nestas oportunidades, isca-se o próprio caju e arremessa-se em parábola descendente, vale dizer, para cima e para a frente, de modo a imitar o ruído das frutas caindo da árvore, atraindo assim os peixes. A isca terá o formato de uma coxinha, mas deverá ser bem sovada no anzol para não se soltar facilmente.



ANZÓIS – tipo J, tamanhos 7/0, 8/0, 9/0, 10/0 e 12/0, dependendo da modalidade pretendida:

Na pesca de espera: No rio Teles Pires a pescaria é feita com linha 0,90 mm, carretilha que comporte ao menos 120 metros desta linha, vara de resistência 120

lbs, e anzol 10/0 ou 12/0, coberto por massa em forma de coxinha, sem encastamento nem grampo e nem girador. Quem pesca desta forma, argumenta que a presença do encastor ou peças metálicas afugenta o manhoso peixe e que o anzol grande tem por maior função não deixar que os dentes da espécie cortem a linha.



Na pesca de espera COM EMOÇÃO: Vara de ação rápida, de 40 libras de resistência, com carretilha municiada com linha de multifilamento 50 lbs – ao menos 150 metros - e líder de fluorocarbono 60 lbs. de comprimento em torno de 2 metros. Neste caso o anzol será de 7/0, 8/0 ou 9/0, mas com um pequeno encastor RÍGIDO, de apenas 3 cm, de arame que seja como uma extensão do próprio anzol, sem permitir a movimentação deste. Com tais anzóis a isca será bem menor e mais leve, atraindo mais rapidamente os peixes pelo barulho mais assemelhado com pequenas frutas caindo, pois o peixe é desconfiado e arisco. Com este material leve, Após a fisgada o barco tem que ser necessariamente puxado para o meio do rio, pois se o peixe for para algum enroscos a luta estará perdida para o pescador,

mas a emoção é duplicada, e a visão da vara totalmente vergada, o ruído estridente da linha sendo levada à força e a imensa força dos peixes da espécie são adrenalina pura !



Na pesca de arremesso com caju ou frutas da região: A única alteração para o equipamento acima descrito (espera com emoção) é que a vara deverá ser mais possante, atentando-se para sua capacidade de arremessar iscas pesadas como frutos inteiros.

Na pesca de VAREJÃO DE BAMBU: Anzol 12/0, 5 metros de linha 200 mm, amarrada em um varejão de bambu com 4,5 metros, e ponta equivalente a um dedo

mínimo, e com a linha contornando a vara, sendo amarrada nela e descendo a cada 01 metro, até o cabo, de forma que, se a vara quebrar ela fique dependurada e segura pela linha! Nesta modalidade uma bóia grande é colocada fixa na linha, na profundidade do local da ceva, para sinalizar a pegada do peixe, porque aí o que valerá é a força bruta contra força bruta! Não tem fricção e nem pode dar ponta de vara (!!) e tem que ter equilíbrio, para não deixar o peixe te puxar para dentro d'água ! Mas é adrenalina total, e, muita força física.

DISTORCEDOR – como tais peixes são pesados e manhosos, realmente um distorcedor na linha poderá vir a espantá-los reduzindo em muito as ações. Se o pescador optar por utilizá-los, devem ser de tamanho médio/grande, pois a força destes exemplares é inacreditável.

LINHA

MONOFILAMENTO – Pesca de espera, linha 0,90 mm, com anzol 10/0 ou 12/0 atado diretamente na linha. Algumas vezes mesmo com as linhas fortes e grossas, o peixe as arreventa, ou por conseguir passar os dentes no nó do anzol, ou por sair em desabalada carreira entre troncos e raízes de árvores submersas.

MULTIFILAMENTO - As linhas de multifilamento são utilizadas neste tipo de pescaria com o reforço de um líder de fluorocarbono de aproximados 2 metros, e 60 lbs de resistência, e desde que a ceva seja no rio mesmo. Se for ceva de enchente, em local com árvores que só no auge da cheia pode ser navegado, a perda do peixe por abrasão da linha é praticamente certa. Só para se ter uma idéia da força titânica deste peixe (principalmente o tambaqui), mesmo com a fricção totalmente fechada, ele tem brutalidade para retirar várias dezenas de metros de linha da carretilha (!!), trançando entre galhos e pedras e fazendo a linha romper-se.

BÓIAS – Podem ser utilizadas, em cevas quer na modalidade de varejão, quer na de ceva de rio ou de pesqueiro alagado. É para sinalizar, pois apesar de não ficar mamando na isca, o pescador mais desatento corre o sério risco de – sem a existência da bóia – perder a fígada ou mesmo seu equipamento, arrancado das mãos quando o peixe realmente carregar a isca!



CINTO DE BRIGA – Indispensável para esta pescaria, pois não é raro que o peixão leve em uma única corrida 30 metros de linha ou mais, fazendo muita força e levando sempre o pescador a firmar o cabo da vara em seu abdômem, com sérias contusões e dores.

REGULAGEM DE FRICÇÃO – A fricção da carretilha ou molinete deverá ser ajustada bem fechada, pois o peixe após fisgado sairá em uma corrida louca – se for tambaqui é ainda pior. Se estiver pescando em ceva na mata inundada, sugiro fechar toda a fricção e segurar firme a vara pois ela funcionará com um mínimo de flexibilidade no cabo de guerra que se seguirá. Mesmo arrojado o freio, o peixe tomará linha e entrará no emaranhado de raízes e troncos do local, chegando mesmo a saltar sobre troncos semi-submersos, ralando totalmente a linha. Algumas vezes, ele, após alguns metros de linha trançada, para e você não pode dar qualquer folga ou ele voltará a correr. Mantenha a linha tensa e a vara robusta envergada, forçando o peixe a voltar pelo mesmo caminho que fez. Se a pescaria for em cevas no rio, a fricção pode ficar mais solta, mas deve ser visualizada e evitada qualquer

tentativa do peixe de volta à margem e entrar por baixo da vegetação, pois aí as chances dele escapar aumentam muito.

LOCAIS E ÉPOCAS DE PESCA

Na bacia amazônica a melhor época é a das cheias, nos rios Teles Pires, São Benedito, Aripuanã e Roosevelt, por exemplo, em locais previamente cevados, ou, na frutificação dos cajueiros, carandás e árvores frutíferas na beira ou um pouco dentro do rio. onde as frutas e flores estejam caindo na água. Chegar com motor em marcha bem reduzida (se dispuser de motor elétrico é ainda melhor), sem barulho e lançar um fruto que flutue na água como se estivesse caindo da árvore. Observar a trajetória do fruto por até 05 minutos, pois os rebojos denunciarão os peixes.



MEU LOCAL PREFERIDO PARA A ESPÉCIE: Rio Teles Pires, na ceva do Nilo para a pesca de varejão, na ceva da diretoria para espera com emoção, e nas cevas de mata inundada do lado esquerdo descendo o rio, para a ceva de espera, tomando como referência a Pousada Portal da Amazônia.



A BRIGA – A briga com as pirapetingas é forte, mas muito menos truculenta que a travada com os tambaquis! Eles - apesar de terem tamanho até menor -, tem força desproporcional, e um fôlego que normalmente o pescador não supõe que o peixe possa ter. Suas arrancadas e tomadas de linha são tão fortes que, se a vara estiver no “*secretário*” do barco o pescador dificilmente conseguirá retirá-la antes que o peixe afrouxe a linha e escape do anzol. Neste tipo de pescaria, utiliza-se apenas

uma vara, e ela permanece na mão do pescador, que NUNCA a abandona no piso do barco. Se o fizer, a violência da puxada é tamanha que a vara atropelará o que tiver pela frente e terminará mergulhando nas águas do rio. O comportamento do peixe na hora de atacar a isca grande (espera com anzol 10/0 ou 12/0) será de apenas um pequeno toque na isca, acomodando-a na boca e daí já sairá nadando desenfreado. Ao sentir o primeiro toque ou afundada da bóia (se utilizar tal equipamento), deixe que ele leve um pouco de linha, acompanhando com a vara e quando ela estiver quase encostando na água, dê uma violenta ferrada, que o peixe corresponderá com uma grande corrida. Enrole o dedo polegar com esparadrapo ou use “dedeiras” pois quando o pescador nota a linha saindo com muita velocidade do carretel ele automaticamente põe o dedo na linha e “frita” a pele instantaneamente! Não bambeie a linha, pois a boca do peixe é muito difícil de cravar o anzol e qualquer folga na linha ele se soltará. Serão ao menos três corridas longas e outras cada vez menores até o peixe se entregar. Só com o embarque o pescador poderá relaxar, pois muitas vezes é nhá beira do barco que, em um último esforço ele arreventa a linha ou se solta do anzol. É peixe bruto, com dentição poderosa e que deve ser manuseado com cautela, tanto pelas cabeçadas quanto pela possibilidade de encontrar com seus dentes quando estiver tirando o anzol, com conseqüências graves, com risco de esmagamento ou amputação do dedo.